

Samambaia

JORNAL LABORATÓRIO DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS | GOIÂNIA, MARÇO, 2013



Voluntariado do HC contribui para humanização dos serviços >>3



Goiás lidera ranking nacional de

Tráfico de Pessoas >> 9

Diagramação: Larissa Quixabeira

Edição: Frederico Oliveira, Isadora Picoletto, Layane Falhares e Murillo Soares



Arquivo pessoal

GALOPE GOIANO

Apesar de pouco conhecida, Goiás oferece estrutura para prática de esportes equestres >>10



Gabriel Trindade

ARTE GANHA A VIDA

Conheça Aucízer Nando, o artista plástico que usa materiais inusitados em suas obras >>14

CRIANÇA X PUBLICIDADE

Datafolha aponta que 73% dos pais brasileiros concordam com restrições à anúncios infantis >>7

editorial

O que nos torna humanos?

Texto: Ana Letícia Santos e Brunno Falcão

Em 2013, quando a Declaração Universal dos Direitos Humanos completa 65 anos, o tráfico de pessoas se destaca como um dos negócios mais rentáveis do comércio ilegal, sendo superado apenas pelo tráfico de drogas.

A Declaração é vista como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e nações, objetivando que, através da educação, cada indivíduo e instituição da sociedade se esforcem para promover o respeito a esses direitos previstos. Por tratar dos direitos fundamentais para a vida humana de maneira universal, o documento influenciou constituições de diversos países e tem sido utilizado como fundamento para tratados internacionais e leis nacionais.

Ainda assim, dados do Ministério Público e da Polícia Federal mostram

que, todo ano, 70 mil brasileiros são traficados para fora do país, alimentando o mercado da prostituição, do contrabando de bebês e órgãos e do trabalho escravo. Mesmo sem valor legal, a Declaração, a partir das leis que influenciou, acaba trazendo sérias consequências para quem a desrespeita. Ou deveria.

Não só em questões internacionais, como o tráfico de pessoas, mas também em problemas locais, a aplicação desses direitos declarados em 1948 pode ser questionada. O valor da vida parece ter sido reduzido desde o fim da década de 1940, podendo equivaler ao que se carrega no bolso.

Roubo, furto, sequestro e homicídio assombram cada vez mais trabalhadores que buscam condições dignas de vida. Como mostra esta edição, no caso dos taxistas,



nem mesmo o trabalho salva. O direito ao trabalho, à vida e aos direitos humanos de forma geral não são mais os mesmos ou estão perdendo a eficácia. O homem mudou nos últimos 65 anos e, nessa idade, a maioria se aposenta. Talvez seja a hora de,

no mínimo, reforçar os direitos básicos ou fazer com que a Declaração Universal dos Direitos Humanos volte a valer com maior força, afinal, o que nos torna humanos não é nascer com direitos garantidos no papel, mas vivê-los em plenitude.

artigo

Nu elevador

Texto: Matheus Ribeiro*

10, 9, 8, 7... A sequência continua até que as portas se abram. Um sorriso amarelo, um "bom dia" que não deseja nada e a timidez que faz as cabeças se abaixarem. Uma cena que se repete todos os dias, em todas as manhãs, de todos os prédios. Gosto de observar o comportamento das pessoas dentro de um elevador. Chego a achar que muitas delas estão nuas, de tão encolhidas, envergadas, envergonhadas. Talvez o ambiente diminuto cause um relativo constrangimento naqueles que dependem desse "meio de transporte", mas a dificuldade de encarar seus iguais é algo que me intriga. Olhar nos olhos, pôr-se em postura reta, fazer um cumprimento digno.

Os subterfúgios dos acanhados são muitos. Futricam no celular, abrem um jornal, arriscam um incômodo assovio. Os masoquistas até leem os interessan-

tíssimos avisos do condomínio. O uso da linguagem fática é recorrente, ainda mais quando se tem um cunho metereológico. "E essa chuva, hein?", "Ah, o calor hoje tá demais!", "Será que esse tempinho vai melhorar?", e por aí vai.

Há também os exibicionistas, que têm como maior aliado o espelho nas paredes do veículo. Esses são terríveis! Ajeitam a roupa, o cabelo, os óculos... Sem falar nos nojentos que se atrevem a fazer uma limpeza de pele, espremendo cravos e espinhas de proporções desconuais.

Quase todas essas cenas contam com a supervisão de um vigilante: sob a cúpula negra, uma câmera obscura registra tudo e todos que passam pelo elevador. Coitados daqueles que aproveitavam o cubículo para rápidas e volúveis relações amorosas! Claro, há o (verdadeiro) argumento da proteção, afinal "temos que manter a segurança do prédio", "zelar pelo bem-estar dos moradores". Mas, confesso: fico

pensando se não há um síndico ou porteiro *voyeur* contemplando o que acontece dentro desse estranho e útil aparelho.

O elevador também pode ser visto como um microcosmo da realidade. Há o social e o de serviço. Seguindo a lógica da nossa sociedade, um recado ao proletariado. Faxineiras, carteiros, manicures, entregadores, eletricitistas e encanadores: vocês não merecem utilizar o mesmo espaço que as garbosas senhoras da *high-society* usam para carregar seu enfeitado *yorkshire*. Talvez, de fato, não mereçam.

Mas o trauma não é duradouro. Às vezes, ele demora a chegar, mas – graças a Deus!, alguns exclamariam – a viagem é rápida. Alguns segundos, minutos talvez, e você já está no destino, são e salvo (caso não se depare com uma menina-fantasma, é claro). Por fim, um "até mais" a quem, talvez, nunca mais se irá ver.

* Matheus Ribeiro é estudante de Jornalismo.

Samambaia

Ano XIII – Nº 58, março de 2013
Jornal Laboratório do curso de Jornalismo
Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia
Universidade Federal de Goiás

Reitor
Professor Edward Madureira Brasil

Diretor da Faculdade
Professor Magno Medeiros

Coordenador do Curso de Jornalismo
Professor Juarez Ferraz de Maia

Coordenadora Geral do Samambaia
Professora Luciene Dias

Editor de Diagramação
Professor Salvo Juliano

Monitoria
Laura de Paula Silva

Diagramação
Alunos da disciplina Laboratório Orientado –
Diagramação

Edição Executiva
Alunos da disciplina Jornal Impresso II

Produção
Alunos da disciplina Jornal Impresso I

Contato
Campus Samambaia - Goiânia/GO - CEP 74001-970
Telefone: (62) 3521-1092
E-mail: samambaia.monitoria@gmail.com

Impressão: Cegraf/UFG
Tiragem: 1000 exemplares



Voluntariado do HC contribui para a humanização dos serviços

ADMINISTRAÇÃO DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS RESSALTA SUCESSO NA RECUPERAÇÃO DOS PACIENTES APÓS A IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA

Texto: **Wéber Félix**
Edição: **Filipe Andrade**
Diagramação: **Larissa Quixabeira**

Há 13 anos a rotina do Hospital das Clínicas (HC) da Universidade Federal de Goiás vem sendo alterada pela presença de pessoas que não fazem parte do quadro de funcionários da instituição. São donas de casa, profissionais liberais, aposentados e estudantes que desempenham, voluntariamente, algumas atividades internas.

A aposentada Claudete Tavares, 64, há mais de oito anos no HC, teve o primeiro contato com o programa quando ainda era paciente do hospital. A ação do grupo despertou nela o desejo de ajudar o próximo. No entanto, a principal motivação foi o convite da amiga e coordenadora do Voluntariado, Coracilde Mattos. Claudete conta que, na época, havia perdido o filho em um acidente e o trabalho no HC a ajudou na superação do trauma.

Claudete ressalta que os laços criados com a instituição não deixam que ela se afaste do Voluntariado. Ela afirma que encontrou ali uma extensão da família e um lugar para fazer amizades. “A certeza de poder ajudar quem precisa do mínimo, me motiva a ir todos os dias para o HC. O nosso trabalho solidário fez com que a instituição ganhasse um novo perfil. O Hospital das Clínicas oferece hoje um tratamento mais digno”, diz.

Programa

De acordo com a assistente social Coracilde Mattos, a implantação do programa, desde 1999, tem contribuído para a humanização da rotina do hospital. “As atividades desenvolvidas pela equipe transformaram o ambiente da instituição e tem sido uma importante ferramenta na recuperação dos internados”.

O grupo de voluntários é composto por 324 pessoas que, diariamente, orientam os pacientes e esclarecem dúvidas sobre assuntos burocráticos relacionados aos tratamentos. Para os funcionários do hospital, o auxílio dessa equipe no serviço de informações tem tornado o atendimento aos pacientes mais rápido e eficaz. O resultado foi a redução do tempo de espera nas filas dos guichês de consultas e exames.

A coordenadora ressalta que há um serviço individualizado para os pacientes que fazem tratamento no hospital e são moradores de cidades do interior de Goiás ou de outros Estados. Para auxiliá-los no contato com familiares que, por ventura, estejam fora da capital, os voluntários redigem cartas e oferecem ajuda para a realização de telefonemas.



Claudete e Coracilde expõem produtos confeccionados no HC durante feira

Entre outras atividades desenvolvidas pela equipe, Coracilde lembra que há distribuição de quites de higiene, brinquedos, livros e revistas aos internados, além da entrega de enxovais infantis e roupas que são produzidas na confecção do próprio HC. As crianças recebem tratamento diferenciado. Elas participam de atividades recreativas e de lazer coordenadas pela equipe voluntária de entretenimento.

Coracilde afirma que o resultado alcançado é consequência da dedicação dos voluntários, os quais tratam os pacientes como membros da própria família. “O sucesso do programa fez com que o modelo do HC fosse adotado também por outros hospitais. Mais do que o reconhecimento do trabalho desenvolvido, o grande prêmio para os voluntários é a satisfação dos pacientes”, ressalta a assistente social.

“Mais do que o reconhecimento do trabalho desenvolvido, o grande prêmio para os voluntários é a satisfação dos pacientes”

Coracilde Mattos,
coordenadora do Voluntariado

Como ser voluntário

O programa Voluntariado do HC recruta anualmente pessoas que se dispõem a trabalhar coletivamente. Para tanto, é importante que os candidatos tenham um perfil solidário. A inscrição é feita em agosto no Departamento de Assistência Social do HC, localizado no Setor Universitário.

Após a seleção, o grupo de voluntários passa por um treinamento para que entrem em contato com a realidade interna do hospital. Depois dessa etapa, eles estão aptos a dedicar quatro horas semanais às atividades da instituição.

Pezinho de Jatobá pode voltar

PROJETO QUE ENVOLVE COMUNICAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL FOI ENCERRADO TEMPORARIAMENTE POR FALTA DE ESPAÇO FÍSICO

Texto: **Águita Araújo**
Edição: **Isadora Picolo**
Diagramação: **Jessika Moraes**

Organizadores planejam ampliar o projeto de extensão Pezinho de Jatobá, criado em 2001 pela Faculdade de Comunicação Social e Biblioteconomia (Facomb) em conjunto com outros professores e alunos da UFG. Eles pretendem dar continuidade ao projeto com mudanças na estrutura e maior participação dos moradores do Setor Shangri-lá, bairro próximo ao Campus II da UFG, onde o projeto é desenvolvido.

A educação ambiental é o enfoque do Pezinho de Jatobá, por meio da sensibilização dos moradores quanto à preservação da reserva ambiental das proximidades e também a comunicação, sendo um espaço de convivência entre os moradores do bairro.

Ana Rita Vidica, professora de Publicidade e Propaganda da Facomb e coordenadora do projeto, afirma que a comunicação sempre esteve presente principalmente no registro fotográfico e de vídeo. Todavia outros cursos como biblioteconomia, educação física, artes cênicas e biologia também contribuem para a interdisciplinaridade, possibilitando melhores discussões sobre problemas ambientais.

Apoio

Os pioneiros da iniciativa tiveram dificuldade de pôr em prática as ideias do projeto. O Pezinho de Jatobá ganhou uma bolsa da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proec) no segundo semestre de 2001 e, logo em seguida, outra da Pró-Reitoria de Assuntos da Comunidade Universitária (Procom). Porém o auxílio não custeava o material utilizado nas oficinas; era usado para imprimir os cartazes de divulgação.

Os organizadores pretendem dar continuidade ao projeto com mudanças na estrutura e maior participação dos moradores.

Durante os primeiros quatro anos, as atividades ocorriam na residência de Lisbeth Oliveira, co-fundadora e professora da Facomb. Com a transferência para uma sala comercial, os próprios professores e colaboradores do Pezinho de Jatobá começaram a pagar o aluguel do local e as atividades puderam ser feitas com mais frequência durante a semana.

Em junho de 2012 o proprietário do espaço pediu a desocupação e o projeto teve que ser interrompido. Ana Rita conta que a pretensão agora é encontrar um novo local para dar continuidade à iniciativa e conseguir mais apoio da Universidade. "Falta uma política para atender a demanda dos projetos no sentido de sua permanência".

A coordenadora ressalta que a autonomia do projeto é outro ponto de reflexão. Para

ganhar "vida própria" é preciso a participação ativa dos moradores, a exemplo de Gevalina Benigno, conhecida como Dona Pretinha. Ela está envolvida no Pezinho de Jatobá desde o surgimento, participa das oficinas, de passeatas e cede sua casa para algumas confraternizações. Ana Rita afirma que a participação de moradores como Dona Pretinha pode ser o caminho para a maior autonomia do projeto.

Foto em Foco

Em setembro de 2010, o projeto Foto em Foco, também coordenado pela professora Ana Rita Vidica, passou a ser parceiro do Pezinho de Jatobá com oficinas de fotografia. O objetivo era atrair os adolescentes do Setor Shangri-lá que

estavam afastados dos encontros. Os próprios moradores passaram a registrar as atividades, fazendo exposições fotográficas para a comunidade e dando continuidade ao registro, mesmo com o fim do Foto em Foco em dezembro de 2011.

A estudante e moradora do Shangri-lá Bianca Conceição Amaral, 16, participou do projeto Pezinho de Jatobá durante dez anos. Ela também participou do projeto Foto em Foco e afirma que as oficinas de fotografia eram suas atividades preferidas. Quanto ao Pezinho de Jatobá, Bianca ressalta a importância da volta do projeto para a comunidade, principalmente para a meninada. "Era um local onde as crianças se reuniam, tinham coisas legais pra fazer no domingo à tarde e agora os meninos ficam na rua jogando bola", conta.



Colaboradores e participantes do Pezinho de Jatobá desocupam a sala que abrigava o projeto

Sintomas da perda de memória assustam

MAL DE ALZHEIMER APARECE EM MAIS DA METADE DOS CASOS DE DEMÊNCIA E SE MANIFESTA EM PESSOAS COM IDADE AVANÇADA

Texto: **Felipe Ungarelli**

Edição: **Murillo Soares**

Diagramação: **Laura Machado**

“**O** que eu estava procurando mesmo?”, “Eu não me lembro onde deixei...”, “Eu vivo me esquecendo”. São esses os tipos de queixas que os amigos e familiares consideram coisas da idade. Mas é bom ficar atento: se alguma pessoa do seu convívio, com idade avançada, esquecer-se do caminho de casa ou não se lembrar de um fato que aconteceu, procure um médico. Pode não ser algo importante, entretanto pode ser também o início da doença de Alzheimer, que não tem cura.

Esse mal é responsável por mais da metade dos casos de retardo mental. Segundo o geriatra Paulo Bertolucci, a doença de Alzheimer é a forma mais comum de demências, que são popularmente conhecidas como esclerose. “É um grupo de doenças que afeta o cérebro, principalmente as áreas da memória e da linguagem, levando a um prejuízo progressivo dessas funções”, explica o médico.

O tratamento precoce retarda o desenvolvimento da doença, melhora a

memória, torna mais compreensíveis as mudanças que vão ocorrer na pessoa e melhora a convivência com o doente.

Etapas

Na fase inicial da doença, a pessoa afetada com Alzheimer se mostra confusa e esquecida. Parece não encontrar palavras para se comunicar em determinados momentos, pode apresentar descuido na aparência pessoal e perda de iniciativa para algumas atividades da vida diária.

Já na fase intermediária, com a evolução da doença, o enfermo necessita de maior ajuda para executar as tarefas de rotina, pode passar a não reconhecer seus familiares e apresentar incontinência urinária e fecal. O doente precisa de auxílio para se vestir, comer, tomar banho, tomar suas medicações e pode apresentar irritabilidade, desconfiança, impaciência e até agressividade no comportamento. Ainda existem casos de pessoas que apresentam depressão, regressão e apatia.

No período final da doença, é comum a perda de peso, mesmo com dieta adequada, e também a dependência completa de outras pessoas. Torna-se incapaz de exercer qualquer atividade rotineira e se

restringe à ficar na cama. Há perda total da capacidade de julgamento e concentração. O doente pode apresentar reações a medicamentos, infecções bacterianas e problemas renais. Na maioria das vezes, a causa da morte não tem relação com a doença e sim com fatores relacionados à idade avançada.

Casos

Uma das avós da pedagoga Virgínia Nunes morreu vítima da doença no ano de 1997. Atualmente sua mãe, Helosina Nunes, está apresentando sintomas da fase inicial. “Minha mãe repete muito algumas perguntas e histórias que a marcaram, da mesma forma que acontecia no

início da doença da minha avó”, conta. Segundo ela, Helosina ajudava sua avó durante o tratamento da doença e elas tinham muito contato uma com a outra, além delas passarem pela mesma situação de abalo com a morte de seus maridos.

O médico Paulo Bertolucci afirma que não há estudos que mostram relações genéticas no Alzheimer, mas situações que afetam profundamente o psicológico de pessoas mais velhas podem desencadear a doença. “Nunca foi comprovado geneticamente que outras gerações possam ter Alzheimer a partir dos descendentes anteriores. Porém acontecem casos de filhos que tiveram contatos com pais adoentados e que anos mais tarde desencadearam a doença”, completa.

Sinais do Alzheimer

Fase inicial

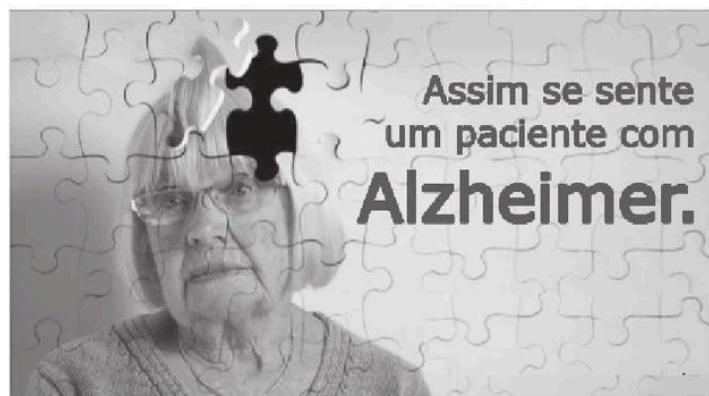
- Lapsos na memória recente;
- Mudanças de comportamento;
- Senso de direção comprometido;
- Dificuldade em fixar informações.

Fase intermediária

- Perda de memória se intensifica;
- Repetição de informações;
- Estranhamento de coisas e pessoas;
- Alterna momentos de lucidez e de confusão mental;
- Estresse psicológico e depressão.

Fase Grave

- Dependência física total;
- Já não reconhece nem a si mesmo;
- Aparecimento de infecções, especialmente urinária e pneumonia;
- Surgimento de feridas e problemas de circulação devido aos longos períodos sentado ou deitado.



C O M P O R T A M E N T O

Cuide dos seus bichos de estimação

VETERINÁRIA EXPLICA OS CUIDADOS QUE OS DONOS DE ANIMAIS DOMÉSTICOS PRECISAM ADOTAR PARA MANTÊ-LOS SAUDÁVEIS

Texto: **João Victor Guedes**
Edição: **Isadora Picolo**
Diagramação: **Camilla Rocha**

Adolescente Mariana Pereira tem apenas 11 anos e já pensa em se tornar veterinária. Estudante do 6º ano de um colégio particular de Goiânia, ela é apaixonada por animais, tanto que possui em casa uma cadela da raça *poodle*, um casal de periquitos australianos, dois peixes betas e dois hamsters. A garota ainda quer um cavalo, vontade já proibida por sua mãe, a pedagoga Vanessa Pereira. "Imagina um cavalo dentro do meu apartamento. Só criança mesmo", brinca.

Os animais de estimação são famosos no Brasil. O país é o segundo do mundo em quantidade de cachorros domesticados, atrás dos Estados Unidos. Estar acompanhado do "melhor amigo do homem", ou de outros animais domésticos, ajuda na companhia e no bem-estar de cada pessoa.

“
Com a vacina, o animal fica bem protegido e, estando protegido, significa que o dono também estará”

Inês Bouchimol,
médica veterinária

Contudo, alguns cuidados são essenciais, principalmente para evitar doenças.

De acordo com a médica veterinária Inês Bouchimol, a profilaxia é um item que não pode faltar quando se cria gato ou cachorro. "Com a vacina, o animal fica bem protegido e, estando protegido, sig-

nifica que o dono também estará", orienta. Ela esclarece que o contato do homem com fezes ou urina contaminadas pode transmitir doenças até letais. Vacinas que combatem a raiva e a toxoplasmose devem ser aplicadas no animal ainda filhote.

Recomendações

Inês Bouchimol ressalta também a necessidade de registrar e legalizar cada bicho. "É bom lembrar que animais selvagens como macacos, iguanas e aves exóticas são proibidos de criar em casa."

Outro quesito importante é o pelo dos bichos. A veterinária recomenda tosar a pelagem para que o animal fique livre do calor excessivo e de parasitas, a exemplo de pulgas e carrapatos. Normalmente os sabonetes e xampus próprios contêm substâncias tóxicas que matam esses bichinhos, mas muitas vezes, o próprio dono deve catá-los. Por chuparem o sangue dos animais de estimação, os parasitas podem causar muitas doenças.

As unhas devem ser cortadas pelo veterinário, se estiverem muito grandes, pois podem machucar o próprio animal quando ele se coça. Dar banho uma vez por semana e escovar os dentes do bichinho com pasta de dentes especial é uma forma de cuidar da higiene dele.

Alimentação

Na alimentação também não pode haver descuido. "Comida demais é sempre prejudicial", alerta Inês. Quanto menor o bichinho, menos comida será dada a ele.

A veterinária explica que o alimento de peixes e tartarugas, por exemplo, deve ser servido uma vez ao dia, sempre com uma pitada. Já para animais maiores, como gatos e cachorros, a ração pode ser servida duas vezes, sempre na hora do almoço e à noite. "Comida de gente, nem pensar", alerta Inês. Segundo ela, o



Mariana e o irmão Arthur Henrique brincam com o periquito australiano de estimação

alimento humano estraga o estômago do animal, além de causar vômitos e diarreia.

Mariana Pereira afirma que segue corretamente as orientações da veterinária.

"Cuido dos meus animais como se eles fossem gente", brinca. Ela conta que seus bichos têm acompanhamento veterinário com frequência e, por isso, são saudáveis.

Principais cuidados

- Deixar os pelos sempre curtos para evitar parasitas e calor excessivo;
- Dar ração a cães e gatos duas vezes por dia;
- Manter o cartão de vacinação sempre atualizado;
- Cortar as unhas para que os animais não se machuquem ao se coçarem;
- Dar banho uma vez por semana e escovar os dentes com pasta especial;
- Registrar e legalizar os bichos.

comportamento

Crianças são alvo fácil da publicidade

PROPAGANDAS VOLTADAS PARA PÚBLICO INFANTIL INFLUENCIAM E AUMENTAM O CONSUMISMO PRECOCE

Texto: **Jéssica Alencar**
Edição: **Filipe Andrade**
Diagramação: **José Abrão**

“**P**ai eu quero este brinquedo!”, “Mãe eu preciso desta boneca, todas as minhas amigas têm!”. São frases como essas que muitos pais estão acostumados a ouvir. A aproximação do Natal e do Dia das Crianças fazem a médica Kellen Sebba, 31, ficar preparada para os pedidos de seus dois filhos, de seis e três anos. “Eles veem os brinquedos na TV e já procuram na loja para comprar. Se os amiguinhos têm, eles também querem”. Realidade diferente da infância vivenciada por Olga Barbosa, 62. “Nunca ganhei brinquedos industrializados, não me lembro de ver comerciais destinados ao público infantil, nem em TV, revista ou anúncios publicitários durante minha infância”.

As crianças estão cada vez mais expostas aos apelos da mídia. Dados da empresa

Sophia Mind apontam que 86% dos brasileiros passam cerca de 3,7 horas assistindo TV todos os dias. Em meio à programação, a maioria dos comerciais é dirigida a eles, mesmo que até os cinco anos a criança mal saiba distinguir um programa de um comercial ou ficção de realidade.

Para Viviane de Paula, diretora de uma empresa goiana de marketing e especialista em perfil do consumidor, o consumismo não é estimulado somente pelas agências de propaganda, mas também pelo adulto que potencializa o marketing infantil. “Os pais querem dar para os filhos o que não tiveram, gostam de saber que os filhos têm as mesmas coisas dos amigos ou coisas que o próprio pai gosta.”

O Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar) vetou a frase “Peça para a sua mãe” nas propagandas infantis. Para os pais, o maior influenciador dos pedidos dos filhos são as propagandas. É o que aponta uma pesquisa encomendada pelo Instituto Alana, que

tem como objetivo apoiar e informar sobre as relações de consumo que envolvem as crianças. “Nós entendemos que esse tipo de publicidade é antiética e abusiva, porque fala com um público que ainda não está preparado para receber mensagens comerciais persuasivas de forma crítica e consciente. A publicidade que se destina às crianças deveria ser direcionada aos pais”, argumenta Gabriela Vuolo, coordenadora de mobilização do instituto.

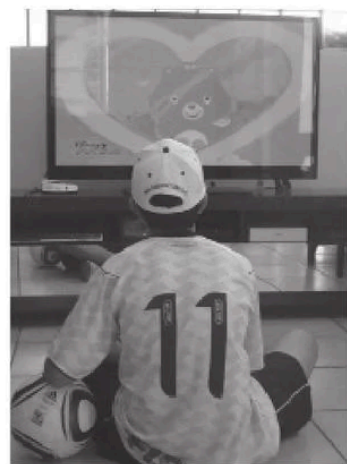
Os brinquedos são citados por 90% das mães como os produtos que as crianças mais pedem para comprarem quando veem anúncios na TV, seguidos pelos jogos eletrônicos (77%) e biscoitos e iogurtes (51%). As crianças brasileiras são as que passam mais tempo assistindo TV diariamente, sendo que 27 milhões delas vivem em condição de miséria e dificilmente têm atendidos os desejos que o marketing desperta.

Para Gabriela Vuolo, é importante que a família e os educadores desenvolvam um trabalho conjunto para conscientizar os pequenos sobre a questão do consumismo. Júlia Bravo, 39, mãe de três meninas e empregada doméstica também recebe pedidos de bonecas e produtos da moda. “É tudo muito caro, não tenho condições financeiras, mas se tivesse eu compraria o que elas me pedem”.

Direito do Consumidor

O Código de Defesa do Consumidor declara que a publicidade não pode se aproveitar da deficiência de julgamento da criança, sob pena de ser considerada abusiva e, portanto, ilegal. Pesquisa do Datafolha divulgada em 2011, mostra que 73% dos pais concordam em restringir a publicidade voltada ao público infantil, em função do consumismo, incitação à má alimentação, ao sexo e à violência.

No manifesto Publicidade Infantil Não, quase 17 mil pessoas apoiam a



Crianças trocam brincadeiras pela TV

causa, que indica a publicidade somente para os maiores de 12 anos. A ementa considera a criança vulnerável, em processo de desenvolvimento biofísico e psíquico, sem habilidades necessárias para uma interpretação crítica dos apelos mercadológicos que lhe são especialmente dirigidos.

Aline Montalvão, gerente de fiscalização do Procon-GO, explica que o material publicitário que apresenta teor apelativo ao consumo infantil ou inadequações de conteúdo são passíveis de processos. No mês de outubro de 2011, por exemplo, foram recolhidas revistas infantis em Goiânia que apresentavam receitas culinárias com ingredientes alcoólicos.

Nos últimos cinco anos, 18 multas relativas a abusos da publicidade infantil foram aplicadas no Brasil. Se somadas, passam de R\$ 12 milhões. Algumas empresas foram multadas por estimular com brindes colecionáveis o consumo de alimentos considerados não saudáveis, por promover inserção precoce no mundo adulto ou por misturar fantasia e realidade. Aline Montalvão esclarece que qualquer pessoa que tiver documentos que provem o abuso em conteúdos dirigidos ao público infantil pode procurar o Procon.

Jantar à luz de velas

10 minutos
Para 1 pessoa
10 ml de uísque
10 ml de vermouth
10 ml de licor de amêndoas
10 ml de licor de laranja
10 ml de licor de limão

Kirsch royale
Coloque um pouco de uísque e uma colher de chá de licor de amêndoas em um copo de cocktail.
Adicione o vermouth e o licor de laranja.
Mexa bem e decore com uma fatia de limão.

Martini
Coloque um pouco de uísque e uma colher de chá de licor de amêndoas em um copo de cocktail.
Adicione o vermouth e o licor de laranja.
Mexa bem e decore com uma fatia de limão.

10 minutos
Para 1 pessoa
20 ml de gin
1 colher (sopa) de vermouth seco
1 colher (sopa) de licor de amêndoas
1 colher (sopa) de licor de laranja
1 colher (sopa) de licor de limão

Deixe a bebida gelar.
Lave o vidro e seque com uma toalha limpa e fria.
Encha o copo com gelo e a bebida.
Mexa bem e decore com uma fatia de limão.

Deixe a bebida gelar.
Lave o vidro e seque com uma toalha limpa e fria.
Encha o copo com gelo e a bebida.
Mexa bem e decore com uma fatia de limão.

Analogia ao álcool em material infantil foi motivo de intervenção do Procon-GO

S E G U R A N Ç A

À espera do próximo passageiro

ROUBOS, FURTOS, SEQUESTROS E HOMICÍDIOS CONTRA TAXISTAS UNEM A CATEGORIA E O PODER PÚBLICO NA BUSCA POR SOLUÇÕES A ESSES CRIMES

Texto: **Liliane Bueno**
Edição: **Talitha Nery**
Diagramação: **Leon Carelli**

O trabalho de um taxista já não se resume a levar o cliente ao lugar combinado. Hoje, os motoristas carregam, além dos passageiros, a esperança de voltar para casa em segurança. O trabalho solitário e o dinheiro são atrativos que tornam os taxistas alvos fáceis de bandidos. O crime mais comum é aquele em que o passageiro entra no veículo, informa o destino e anuncia o assalto assim que o carro arranca.

Apesar de a madrugada ser o maior período de ocorrências, a luz do dia não intimida os criminosos. Jonas Leal foi assaltado no começo da tarde. "Ligaram na central e eu fui buscar os dois. Não pareciam bandidos, mas as aparências enganam". No caminho, os ladrões pediram para mudar o percurso repentinamente. "Foi aí que desconfie. Na verdade queriam buscar o revólver", lembra. Os assaltantes abandonaram a vítima em um local deserto após ameaçá-lo de morte, levaram o carro e R\$ 90. Jonas acredita que manter a calma ajudou-o a se salvar.

Ivan Rodrigues trabalha com táxi há 17 anos e também não percebeu que seria assaltado. "Era de dia, havia apenas uma pessoa e o lugar era movimentado", conta. O passageiro indicou o destino, mas ao chegarem no local, um segundo homem já aguardava o veículo. Além do carro, R\$ 130 foram levados.

Em 2011, um taxista de Goiânia foi encontrado morto em Goianira com marcas de espancamento. Na mesma semana do assassinato, outro taxista levou dois tiros em uma tentativa de assalto e uma passageira foi baleada na cabeça. Os crimes uniram a categoria em protestos na capital para reivindicar por mais segurança. No ano passado, cerca de 300 taxistas in-

terditaram o anel interno da Praça Cívica, em frente ao Palácio Pedro Ludovico Teixeira. A manifestação resultou em um encontro com o secretário de Segurança Pública à época, João Furtado, para discutir maneiras de conter esses crimes.

Mudanças

Atualmente as ocorrências mais registradas contra a categoria são: roubo, furto, sequestro e homicídio. Para tentar mudar essa realidade, o Programa Comunidade Alerta foi desenvolvido pela Polícia Militar (PM) de Goiás, através do Comando do Policiamento da Capital (CPC), em parceria com a Agência Municipal de Trânsito, Transportes e Mobilidade (AMT), Sindicato dos Taxistas de Goiânia (Sinditáxi), Sindicato dos Taxistas do Estado de Goiás e Associação dos Permissãoários de Goiânia, e faz parte da Rede de Apoio à Segurança (RAS).

A intenção é que todos os motoristas de táxi participem de um curso da PM sobre procedimentos obrigatórios para garantir a segurança individual e de seus

Orientações de segurança

- Pare em blitz e bloqueios policiais;
- Estacione em locais iluminados e com grande circulação de pessoas;
- Se perceber que está sendo seguido, vá para locais movimentados e/ou com viaturas da PM;
- Em caso de assalto, mantenha a calma e registre boletim de ocorrência.

clientes. Além disso, um sistema de integração via rádio entre taxistas e a polícia vem sendo instalado nos veículos. Cartilhas com orientações preventivas contra assaltos serão distribuídas aos motoristas durante a formação, além de check-in para ser preenchido em viagens intermunicipais e um adesivo instrutivo.

De acordo com o Tenente Coronel Wesley Siqueira Borges, subcomandante da Polícia Militar da capital, no mês de agosto passado houve redução de 8,3% dos registros de ocorrências feitas por taxistas no Centro de Operações da Polícia Militar (Copom). Em setembro, a queda

foi de 12,4% e em outubro, 17%.

Segundo o coordenador da RAS, Sargento Rosemário Pereira de Castro, três centrais foram montadas para receber as denúncias dos motoristas: no Comando Geral da Polícia Militar, no Setor Central; no Copom, situado na Secretaria de Segurança Pública, no Setor Aeroviário; e no Batalhão de Trânsito, no Setor Santa Geneveva. De início, o programa atende Goiânia, Aparecida de Goiânia, Senador Canelo, Trindade e Anápolis, mas em breve deve atender os 8,6 mil taxistas de Goiás. Para denunciar, os taxistas podem ligar para: 9631-3233, para o 190 ou para o 198.



Quase 1500 táxis têm autorização para circular em Goiânia

Via de mão dupla

A aproximação entre taxistas e o poder público fez com que a PM ganhasse fortes aliados na segurança comunitária. Só em Goiânia existem 1.468 táxis em circulação e cerca de 3 mil motoristas, de acordo com o Sinditáxi. "O taxista faz o patrulhamento 24 horas por dia, pois o número de táxis é superior ao número de viaturas", ressalta Silone Pacheco, presidente do sindicato.

Diariamente, a polícia disponibiliza via e-mail e via rádio uma lista de veículos furtados. Em outubro, um taxista localizou no Bairro Vila Bela um carro furtado, no dia seguinte ao crime, e acionou a PM.

SEGURANÇA

Goiás lidera ranking nacional de tráfico de pessoas

ESTADO REGISTRA 140 CASOS, O QUE REPRESENTA 18% DO TOTAL DE DENÚNCIAS EM TODO O BRASIL. MULHERES E CRIANÇAS SÃO AS PRINCIPAIS VÍTIMAS

Texto: **Murilo Nascente**
Edição: **Guilherme Semerene**
Diagramação: **Fernanda Garcia**

Com um mercado que fatura 35 bilhões de dólares por ano, o tráfico de pessoas se tornou um dos negócios mais rentáveis do comércio ilegal. Hoje, ele ultrapassou o contrabando de armas, ficando atrás apenas do tráfico de drogas. Dados fornecidos pela Polícia Federal revelam que 70 mil brasileiros são levados todo ano para fora do país, vítimas de traficantes. Esse tipo de crime busca atender o mercado da prostituição, além do trabalho escravo e o contrabando de bebês e órgãos. Os principais alvos dos traficantes são mulheres e crianças.

Na maioria dos casos, o aliciamento envolve promessa de emprego, melhoria

de vida e vantagens econômicas. “A pessoa é levada a acreditar nas promessas feitas pelos criminosos. A vontade de ajudar e o sonho de uma vida melhor fazem com que a vítima se torne uma pessoa explorada”, expõe Adriana Accorsi, ex-delegada Geral da Polícia Civil de Goiás.

As quadrilhas compostas por aliciadores e traficantes, geralmente cruéis e violentos, ameaçam as vítimas de morte, caso elas não se submetam às suas regras.

Combate

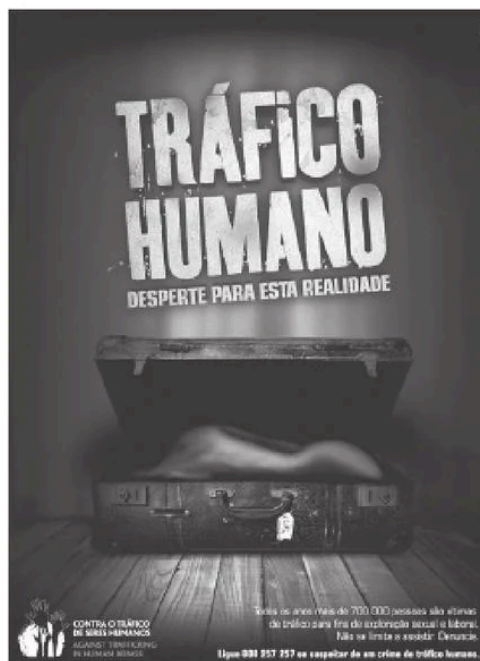
Segundo Adriana Accorsi, apesar de o problema ser grave e atingir centenas de pessoas em todo o Brasil, ele não é tratado com a devida atenção. “A maioria dos casos não chega até a polícia, principalmente porque as vítimas ou as famílias têm medo de denunciar. Elas se tornam reféns das ameaças e violência desses cri-

minosos”, esclarece.

Para ela, o trabalho da polícia também é falho, e isso agrava a situação. “Historicamente, as forças policiais foram omissas ou alvo de corrupção dessas quadrilhas, então o dever da polícia é se transformar também quanto a isso.” O combate ao tráfico de pessoas é feito em parceria entre as Polícias Civil e Federal.

Uma tentativa de reduzir a incidência desses casos é a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Tráfico de Pessoas. O papel da comissão, que foi criada em 2003, é investigar o comércio humano no Brasil e verificar e garantir a eficiência das políticas públicas destinadas à erradicação do tráfico. A relatora da CPI, deputada Flávia Moraes (PDT-GO), explica que desde a criação da comissão, apareceram muitos casos e as investigações se mostraram eficientes. Porém, ainda existem falhas que comprometem a eficiência das investigações e aplicação de penas. “Nossa legislação está obsoleta. Precisamos apresentar soluções e sugestões que fortaleçam o código penal nesse sentido”.

Para garantir que esse trabalho chegue em todo o país, a CPI criou as Comissões Executivas de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas que atuam com o mesmo objetivo no âmbito estadual. Esse trabalho busca atender principalmente os Estados com números elevados, como Goiás. “O



Fotos: Divulgação



Flávia Moraes, deputada federal e relatora da CPI do tráfico de pessoas

trabalho de combate deve focar em três pontos: perseguição às quadrilhas, fortalecimento da legislação e conscientização da comunidade. Assim é possível reduzir esses números e caminhar para a erradicação do problema”, sustenta a deputada.

“
A maioria dos casos não
chegam até a polícia,
principalmente porque
as vítimas ou as famílias
têm medo de denunciar”

Adriana Accorsi,
ex-delegada Geral da Polícia Civil

e s p o r t e

Esportes equestres têm lugar na capital

MODALIDADES HÍPICAS TÊM GANHADO ADEPTOS EM GOIÂNIA, QUE CONTA COM PELO MENOS CINCO LOCAIS PARA A PRÁTICA ESPORTIVA

Texto: **Luiz Eduardo Krüger**
Edição: **Murillo Velasco**
Diagramação: **Guilherme Semerene**

O turfe é um dos esportes mais populares do mundo. Criado na Inglaterra, no século XVII, a modalidade envolve corridas de cavalo. Os jockeys e joquetas disputam entre si em uma pista oval, em páreos que variam de 400 a 4.000 metros. As apostas também fazem parte desse universo e os apostadores jogam alto em seus cavalos.

No Brasil, o turfe é famoso nos hipódromos da Gávea, no Rio de Janeiro, e da Cidade Jardim, em São Paulo. O que talvez pouca gente saiba é que Goiânia também possui estrutura para o esporte. O Hipódromo da Lagoinha, que fica próximo ao Detran, recebe competições quinzenalmente nas tardes de sábado.

A joqueta Mohana Dias das Neves, 20, começou a competir em 2010, após dez meses de treinamento. “Desde pe-

quena sempre amei cavalos, porém nunca tive amigos ou familiares que tivessem fazenda, então decidi me aproximar de cavalos dentro de Goiânia”, conta.

Mohana ressalta que o esporte ainda é pouco conhecido na capital, pois falta divulgação. “O público das corridas é basicamente formado pelos donos dos cavalos, as famílias dos jockeys, os treinadores e um número reduzido de pessoas que sempre vão e apostam”.

Os cavalos usados no turfe são da raça PSI (Puro Sangue Inglês), por se tratarem de animais altos, finos e de corpos atléticos. Eles são nervosos e agitados, como explica Mohana, que também é estudante de Medicina Veterinária na UFG.

Hipódromo

O Hipódromo da Lagoinha foi criado em 1958 e pertence ao Jockey Clube de Goiás. Possui uma pista oval de 1.609 metros – uma milha terrestre equivale a exatamente 1.609 metros –, e está localizado na Avenida Altamiro de Moura Pacheco,

no setor Cidade Jardim. Além da pista, o complexo tem uma piscina para natação dos cavalos, estrebrias e um hospital veterinário. “O hipódromo da Lagoinha possui grande terreno e estrutura, porém é muito antigo e está descuidado”, diz Mohana.

Apostas

O Brasil possui legislação específica para apostas em corridas de cavalos. Trata-se da Lei 7.291/84, que dispõe sobre as atividades de equinocultura em seus artigos oitavo e nono.

Além disso, a instrução normativa nº 21, de outubro de 2005, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento aprovou o Plano Geral de Apostas. De acordo com ela, as apostas só podem ser feitas nas dependências dos hipódromos, nas sedes e sub-sedes dos jockeys clubes, nas agências autorizadas e por intermédio de agentes credenciados. A



Mohana Dias das Neves na pista de turfe

resolução diz ainda sobre as modalidades de cada aposta, os prêmios, a fiscalização e as penalidades.

Por envolver apostas em dinheiro, muitas pessoas questionam a legalidade dessa prática. “Do ponto de vista legal, existe uma regulamentação por trás dessas apostas. É portanto, uma atividade legal, diferente do jogo do bicho, por exemplo, que não possui legislação e é ilegal”, explica o advogado Fernando Fernandes.

Para além do turfe

Não só o turfe mas outros esportes hípicas também são praticados em Goiânia, sendo às vezes até mais populares que o turfe. O hipismo, esporte que envolve saltos com cavalo, é um bom exemplo disso. Entre os locais para prática do esporte estão a Sociedade Hípica de Goiânia, a Hípica Aldeia do Vale, a Polícia Montada e a Villa Cavalcária.

Gabriela Brunatto, 21, é amazona. “Minha mãe fazia hipismo quando estava grávida e eu fiquei muito interessada quando soube. Comecei com dez anos de idade.” Gabriela foi duas vezes vice-campeã goiana de hipismo clássico na

categoria escola avançada (obstáculos com 0,9 metros de altura) e participou do campeonato brasileiro da categoria montando a égua meio-sangue inglês Sara, hoje com dez anos.

Gabriela ressalta que os custos para a prática do esporte são altos. “Para conseguir manter um cavalo há gastos com ração, embaçamento (baia do cavalo onde ele fica), tratador, fora os custos veterinários; são valores mais altos que o salário mínimo”.

Outro esporte com cavalos muito popular por aqui é o *team roping*, ou laço, que consiste em dois cavaleiros

laçarem um bezerro no menor tempo possível. Um dos cavaleiros laça a cabeça e o outro, o pé do animal. Os cavalos usados nessa modalidade são das raças Quarto de Milha ou *Paint Horse*.

Pedro Henrique Borges, 15, conta que sempre gostou de mexer com cavalo. Ele laça há um ano e diz que para manter a égua Caetanna, a qual monta, gasta cerca de mil reais por mês.

O dinheiro empregado nos esportes hípicas é alto, seja no tratamento dos cavalos, seja nas apostas, por isso são atividades que fazem parte do universo requintado. O fato é que Goiânia cada

vez mais se rende ao turfe e aos esportes com animais de quatro pernas.



Gabriela salta obstáculos de hipismo

COM A BOLA TODA



Por Sara Luiza

Edição e Diagramação
Guilherme Semerene

GOL DE PLACA

Lionel Messi

Depois de bater recordes de gols em 2012, marcando 91 em 69 jogos, virar o maior artilheiro do Campeonato Espanhol e se tornar o primeiro jogador a balançar a rede cinco vezes em uma única partida da Liga dos Campeões, Messi foi consagrado pela quarta vez seguida como o melhor jogador do mundo no início de janeiro. Os jovens de hoje que não viram Pelé ou Maradona têm o prazer de reverenciar o maior jogador dos últimos tempos. Nossos olhos brilham com cada jogada espetacular, assistência perfeita e gol



magnífico. Só resta a nós brasileiros (e ao resto do mundo) lamentar por esse gênio ter nascido em solo argentino. Ou talvez devêssemos nos preocupar sobre o que esse hermano poderá fazer nas terras brasileiras em 2014.

Corinthians



Vencedor dos dois maiores torneios disputados por equipes, Copa Libertadores e Mundial de Clubes, o Timão entrou em 2013 com moral de campeão. O aprendizado é de como um grupo forte, unido e uma torcida apaixonada podem alcançar os objeti-

vos. Sem grandes estrelas, o conjunto entrou em ação e os brasileiros puderam ver que força de vontade, audácia e técnica podem fazer um time europeu de grandes cifras cair. Que 2013 seja mais um ano de "loucos", de Corinthians e de menos violência nos estádios mundo afora.

CARTÃO VERMELHO

Mano Menezes

Em 2010, o até então técnico do Corinthians, Mano Menezes, assumiu o cargo de treinador da seleção brasileira de futebol. Depois do fracasso na Copa do Mundo, o povo brasileiro queria ver a Seleção Canarinho ganhar novamente, queria renovação, queria Neymar e queria espetáculo.

Passados dois anos, Mano Menezes saiu de cena com aprovação mínima de torcedores e alguns bons jogos na bagagem. Em amistosos, vimos o Brasil tornar sufoco do Egito, Gabão e Bósnia-Herzegovina. Nas partidas contra as equipes que vai enfrentar na Copa do Mundo de 2014, derrota para Alemanha e França.

A Copa América se transformou no maior vexame dos últimos anos, com o Brasil sendo eliminado nas quartas de



Fotos: Reprodução

final, sendo que perdeu todas as cobranças na disputa de penáltis contra o Paraguai. Mais um fracasso nas Olimpíadas.

O povo aclamava por outro treinador e ai já não deu mais para Mano. Faltando um ano e meio para a Copa do Mundo no Brasil, as esperanças e incertezas estão renovadas. E os pedidos do povo brasileiro continuam os mesmos: vitórias, renovação e espetáculo. Tomara que Luiz Felipe Scolari consiga isso!

Atlético Goianiense

Dragão Campineiro já não é o mesmo. Depois de representar o futebol goiano por dois anos na série A do Campeonato Brasileiro, conseguir uma disputa internacional e títulos seguidos do Goianão, o Atlético Goianiense começou a ligar o sinal de alerta em 2012. Com contratações razoáveis, a primeira perda foi o título do Campeonato Goiano. Já no Brasileirão, as derrotas se tornaram frequentes e as especulações sobre rebaixamento surgiram antes do fim do primeiro turno. A torcida já não tinha mais motivação e a onda positiva que rodeava o rubro-negro

se desfez. Vimos um Atlético Goianiense passivo e desmotivado no ano passado, o que interferiu no desempenho do time no Goianão. A equipe só entrou no G4 na primeira rodada do retorno.



C O M P O R T A M E N T O

Novas formas de leitura dividem opiniões

APESAR DA EXPANSÃO DA LITERATURA EM SUPORTE DIGITAL, O LIVRO DE PAPEL NÃO FOI ABANDONADO E ESTÁ LONGE DISSO SEGUNDO LEITORES

Texto: **Maria Rita Meneses**
Edição: **Brunno Falcão**
Diagramação: **Camilla Rocha**

Os livros que conhecemos hoje têm mais de 600 anos. A ideia original é muito mais antiga, desde os egípcios, com a escrita em papiros. O tempo passou, mas o gosto pelos livros e pela leitura continua, mesmo com o uso cada vez mais frequente da tecnologia digital. Atualmente, além dos livros de papel, *tablets* e outros meios eletrônicos são usados para a leitura, como o *Kindle*, criado pela Amazon e o *Kobo Touch*, comercializado no Brasil pela Livraria Cultura. São os *e-readers*, aparelhos para leitura em formato digital.

Em pesquisa recente realizada nos Estados Unidos, constatou-se que quase 25% dos leitores estadunidenses leem *e-books*. O número de leitores em plataformas digitais também tem crescido no Brasil, ainda que seja de forma tímida. De acordo com informações da Câmara Brasileira do Livro (CBL), o país conta com 10 mil títulos digitais.

A professora Eliana Almeida Figueiredo, 27, faz parte do grupo que ainda está se adaptando às leituras digitais. "Uso o *e-reader* para Android no *tablet*, mas me canso rapidamente de ficar olhando para

a tela. Leio pouco por esse meio", afirma.

Os problemas para a popularização dos *e-books* no país esbarram em questões que variam desde o preço cobrado pelos aparelhos até os próprios hábitos de leitura dos brasileiros. Muitos ainda preferem os livros tradicionais ou simplesmente leem pouco, como apontam vários estudos. Segundo dados divulgados pelo Ministério da Cultura, através da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, o brasileiro lê, em média, quatro livros por ano, enquanto em outros países os números são maiores, como no Uruguai, onde cada leitor lê sete livros anualmente.

Livros convencionais

Apesar da adesão tímida aos meios eletrônicos de leitura, há quem prefira os livros de papel, como Eliana, que justifica gostar de sentir a textura das páginas impressas.

Outras pessoas têm adquirido os hábitos modernos de leitura. A analista de suporte, Marília Francezi, 26, faz resenhas de livros em um blog. "Eu era bem resistente, achando que só valia a pena ler



Marília é fã dos livros no celular e tablet

o livro físico, mas desde que comecei a ler no celular e no *tablet*, que comprei exclusivamente pra isso, mudei radicalmente de opinião e virei fã", ressalta.

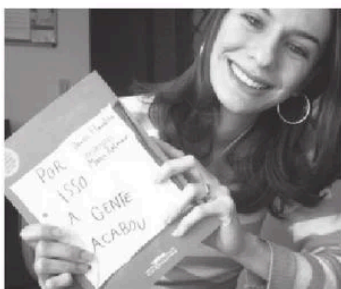
Apesar de aderirem recentemente a esse formato de leitura, ambas acreditam que o livro de papel não vai acabar. Eliana crê que deve haver um equilíbrio entre esses meios. Para ela, o livro virtual veio pra ficar. Uma das vantagens é a economia de papel, mas as livrarias andam cada vez mais cheias, o que é uma boa notícia, pois as pessoas estão lendo mais. Marília também acha que o uso do livro físico ainda

está longe do fim. "Não vai acabar, continuo querendo ter alguns livros na estante – não tantos quanto antes. Conheço muitas pessoas que começaram a ler *e-books* e possuem a mesma opinião."

Há ainda um longo passo a ser dado. Além da necessidade de aumentar os números relativos à leitura no Brasil, o que pode ser feito através da educação, deve-se pensar também em divulgar mais informações a respeito desses novos meios de se praticar algo que é tão prazeroso e necessário para nosso desenvolvimento: a leitura.



De acordo com informações da Câmara Brasileira do Livro (CBL), o país conta com 10 mil títulos digitais.



Eliana ainda prefere os livros de papel

E-book inaugura formato, mas mantém conteúdo

O e-book é um produto digital com o mesmo conteúdo do livro impresso, porém sua utilização é apenas eletrônica (em computadores, celulares, *tablets*, *e-readers*, etc.).

Existem diversos formatos de e-book disponíveis no mercado. Cada tipo possui uma particularidade, todos têm prós e contras, mas para facilitar a utilização do e-book, várias editoras optaram por oferecer a extensão pdf, por ser compatível com a maioria dos dispositivos.

O primeiro livro digital foi publicado em 1993. Trata-se da obra *Do Assassinato*, considerado uma das belas artes de Thomas de Quincey. O novo formato favorece a democratização ao acesso. Muitos livros que são vendidos nas livrarias, têm versões gratuitas disponíveis na web.

Machado de Assis lidera o ranking dos e-books mais procurados no Brasil. Democráticos e inclusivos, os e-books prometem uma nova era cultural. (Ana Letícia Santos e Murillo Velasco)



Muitos livros são grátis na versão digital



por Natânia Carvalho e
Thais Tarelho



Já ouviram falar que a moda é de quem a usa. Pois disseram bem! Esta é nossa primeira participação na coluna *Ai que tudo!*, criada pela aluna de jornalismo e "ex-goiana" Marcela Haun (que São Paulo a tenha e que Criolo – "não existe amor em SP" – esteja errado).

E nós começamos dizendo para o que não viemos: discriminar o que você usa. Não está nos catálogos de primavera-verão? A roupa te deixa mais baixa? Essas são as perguntas erradas. De *it quéeéé!*, a blogosfera e a cidade estão cheias. Gente que usa o mesmo estilo, mas que tem a alma completamente diferente. **Beeeeerri!** E então? Seja quem você quiser. Quer usar as dicas da coluna? Quer apenas rir delas? Não tem problema, não tem nada que gostamos mais do que rir e sapatos. Aliás, apenas Batman, Ryan Gosling e sorvete, mas isso é outra história...

Depois de conquistar a Europa, se espalha pelas terras brasileiras o sapato que é a cara do verão. Conhecido como espadrilha, espadrille ou alpargata, o calçado tem solado de corda trançada e pode ser anabela ou rasteirinha. Além do visual despretenso e casual, as espadrilles são famosas pelo conforto.



Com ^{os} pés nas nuvens

O verão vai ser n e o n

A página é preta e branca, mas corre e pega uma caneta marca-texto. Agora risca a palavra neon aqui ô, isso bem aqui. Pronto, agora você vai ter uma ideia do que se trata. Tenha essas cores como referência e aprenda a usar os tons megaexibidos.

Ai, que tudo!

Os Diários de Carrie

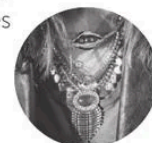


Fotos: Reprodução

Se você está familiarizada com o seriado *Sex in the City*, sabe muito bem quem é Carrie e seus maridos *blahnik*. Se não, essa é uma boa oportunidade. É que a HBO lançou uma nova série da tão falada *Bradshaw*, só que desta vez na versão adolescente da escritora. A produção, baseada nos livros de Candance Bushnell, tem apresentado excelente escolha quando o quesito é figurino e trilha sonora. Mas, para quem acha isso história da década perdida, preste atenção porque ela está de volta. Biquínis, coletes jeans, bonés e tênis de cano médio acompanhados de legs estampadas – a estampa de universo, que o diga – estão novamente pelas ruas de 2013.

A festa dos colares

Depois da febre do pulseirismo, agora é a vez da "necklace party". A ideia é misturar colares de vários tipos, tamanhos e materiais, prezando pelo equilíbrio e a harmonia. A dica é misturar os colares maiores e mais incrementados com outros mais delicados.



entrevista

“Mais vale um quilo de prática que uma tonelada de teoria”

Texto: **Gabriel Trindade**
Edição: **Brunno Falcão**
Diagramação: **Jessika Morais**

Jornal Samambaia: Quando você começou este tipo de trabalho? O que te levou a isto?

Aucízer Nando: Eu trabalho há 13 anos nesta área, mas nunca fiz nenhum curso de artes plásticas. Acredito que a pessoa não se torna artista, ela nasce artista. Quando eu era pequeno, comecei a me interessar por desenho e cheguei a fazer os meus primeiros quadrinhos, nada importante, somente por diversão. Depois que eu comecei a ajudar em cenários para teatro, consegui me despontar nessa área, auxiliando os cenógrafos. Depois veio o barro e finalmente saí do unidimensional do desenho para o tridimensional na cerâmica. Tudo aquilo que eu desenhava a partir da fotografia, eu consegui transpor para o barro e isso exigiu três anos de muito aprendizado.

Samambaia: Você pretende se aprimorar fazendo cursos voltados para esta área?

Aucízer: Já fui criticado por pessoas que na época em que comecei a trabalhar com o barro diziam que o jeito que eu fazia era errado. O mais engraçado é que essas pessoas davam conselhos mirabolantes de coisas que eu deveria fazer e estruturas sem sentido que eu deveria seguir. Eu não acredito na teoria, mas na prática. O que eu faço é eficiente, coisas que eu fiz relacionadas à montagem e estruturação no mármore são inovadoras, ninguém tinha feito antes, mas funciona. Se eu passasse por algum curso, seria uma prática vivencial com outro artista. Mais vale um quilo de prática do que uma tonelada de teoria.

“A ARTE COMO ESSÊNCIA DA PRÓPRIA EXISTÊNCIA E DOM DE DEUS”. É NISSO QUE ACREDITA O ARTISTA PLÁSTICO AUCÍZER NANDO, 34. A UNIÃO DE SUPER-HERÓIS DE FAMOSAS HQ'S COMO BATMAN, SUPER-HOMEM, HOMEM-DE-FERRO E MATERIAIS INUSITADOS A EXEMPLO DA SUCATA LEVOU A ARTE DE AUCÍZER À ÚLTIMA INSTÂNCIA DE REALISMO E EXPERIMENTAÇÃO. COM O TRABALHO DIVULGADO POR TODAS AS MÍDIAS NACIONAIS, ELE É RESPEITADO NO MEIO COMO UM EXPOENTE. O MAIS CURIOSO DO ARTISTA PARAIBANO, MAS QUE VIVE NA CAPITAL GOIANA DESDE CRIANÇA, É QUE ELE NÃO TEM FORMAÇÃO NA ÁREA EM QUE ATUA.



Aucízer une realismo e experimentação em suas obras

Samambaia: Você lia histórias em quadrinhos e gibis e assistia muitos desenhos que te inspiraram?

Aucízer: Como você percebe tudo na minha carreira foi na verdade uma evolução. Eu não planejei isso. O caminho para trabalhar com super-heróis veio por necessidade financeira e interesse nesse

mundo que é fascinante não apenas para mim, mas para todo mundo que vê. Por exemplo, eu estou construindo agora um robô semelhante ao do filme *Transformers*, mas já fiz uma réplica em escala idêntica à do filme do *Bumblebee*. Existem somente dois desse no mundo, o do filme e o meu. O detalhe é que usei somente material reciclável.

Samambaia: Qual material você costuma usar em suas criações?

Aucízer: Desde sempre eu gostei de quebrar regras. Os escultores antes não gostavam de ver interação com qualquer tipo de material, ninguém me avisou nada e, por isso, coloquei estruturas de ferro dentro da cerâmica. Eu uso uma infinidade de materiais como papel, metal, plástico, sucata. Pra mim qualquer coisa é matéria-prima.

Samambaia: Quanto tempo você gasta projetando, criando, fazendo seus trabalhos?

Aucízer: Tudo depende do trabalho em si. Na cerâmica, uma peça bem trabalhada poderia tomar quatro a cinco dias, trabalhando das oito às seis, sem espaço para soneca depois do almoço (*risos*).

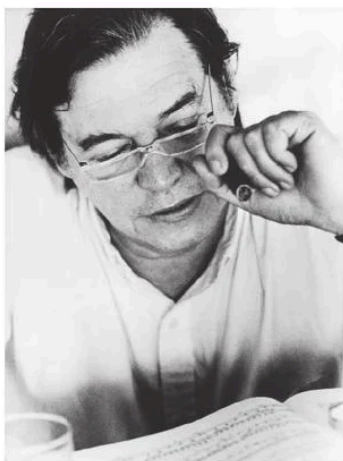
Samambaia: Já foi convidado para apresentar seu trabalho no Brasil ou no exterior?

Aucízer: Esse tipo de mercado está crescendo em Goiânia. O exterior ainda não me chamou. Já no eixo Rio-São Paulo, muita gente tem procurado o meu trabalho. Isso está em ascensão. Tanto que uma banda que eu patrocino com roupas, a *Mark 4* está aí para inovar totalmente. Uma banda cosplay vestida de personagens de quadrinhos é novidade aqui na capital e no Brasil.

Samambaia: Qual é o seu maior sonho?

Aucízer: Eu quero trabalhar na indústria do cinema e acredito que estou na estrada. O meu projeto é focar especificamente no exterior, porque o Brasil ainda está despertando para isso com histórias e enredos interessantes. Precisa de grandes investimentos para eu mostrar todo o potencial do meu trabalho.

O tempo, o vento e Tom Jobim

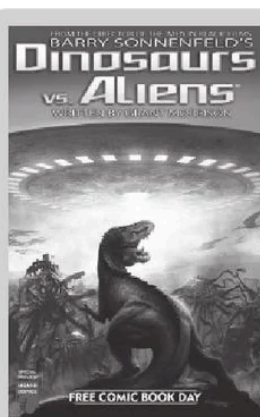


Adaptação do romance *O Continente*, de Érico Veríssimo, o filme *O Tempo e o Vento* já está com suas gravações finalizadas. A história, que gira em torno das disputas entre duas famílias ao longo de 150 anos, tem direção de Jayme Monjardim e estreia prevista ainda para o primeiro semestre deste ano. Segundo o diretor, *O Tempo e o Vento* terá, além da trilha internacional, uma composição inédita de Tom Jobim na voz de Caetano Veloso. A canção será interpretada com o acompanhamento da Orquestra Filarmônica de São Paulo.



Hendrix no cinema

Considerado o melhor guitarrista de todos os tempos pela revista *Rolling Stone*, Jimi Hendrix vai ganhar uma cinebiografia. Já em fase de gravação, *All is By My Side* terá o rapper André 3000 como Hendrix. De acordo com a produtora Darko Entertainment, o filme não usará as músicas do guitarrista que morreu aos 27 anos, em 1970. A história vai se passar entre 1966 e 1967, quando Jimi Hendrix foi descoberto por Linda Keith, namorada de Keith Richards, guitarrista da banda Rolling Stones, em uma boate de Nova York. A partir deste fato, o filme vai mostrar a trajetória de Hendrix até pouco antes do lançamento de seu primeiro álbum: *Are You Experienced?*.



E a
gue
rra
con
ti
nua...

Já passaram pelos cinemas filmes como *Monstros vs Alienígenas* e, o mais recente, *Cowboys & Aliens*. Mas no que depender do diretor Barry Sonnenfeld, essa guerra contra os alienígenas não para por aqui. *Dominium: Dinosaurs vs Aliens* é a nova aposta do diretor que retomará os répteis do período Jurássico, comuns nas telas de cinema. O diretor de *A Família Adams* e da trilogia *Homens de Preto* vai desenvolver, em parceria com o desenhista Grant Morrison, uma história em quadrinhos que deve ser usada como suporte para a produção do filme.

Cinepop



por Filipe Andrade

Edição: Laura de Paula
Diagramação: Camila Teles



Reprodução

De Verona para a tela

Com estreia prevista na Irlanda e no Reino Unido para 25 de outubro deste ano, a nova versão cinematográfica de *Romeu e Julieta*, em fase de produção, só deve chegar às telas do resto do mundo no início de 2014. A adaptação da obra de Shakespeare tem roteiro de Julian Fellowes, de *O Turista* e orçamento de 15 milhões de dólares. No elenco, o jovem casal apaixonado é vivido por Douglas Booth, astro da minissérie inglesa *The Great Expectations* e Hailee Steinfeld, indicada ao Oscar pelo filme *Bravura Indômita*. A direção será do italiano Carlo Carlie.

O Ouro da “Melhor” Idade

A mesma cena se repete cotidianamente: vários senhores uniformizados, alguns de idade avançada, passam longos períodos de tempo entregando panfletos para a compra e venda de ouro. Olhares diversos. Tristes, esperançosos, alegres, sérios. Eles são muitos e estão ali por motivos diferentes. Uns, porque a aposentadoria já não é mais suficiente para pagar as contas – ainda mais quando têm que sustentar não somente a si próprios; outros não querem ficar com o tempo ocioso e encontraram uma curiosa maneira de diversão (acredite!) neste trabalho. Com histórias diferentes, dividem o mesmo local: o cruzamento da Avenida Goiás com a Anhanguera, no setor Central de Goiânia. Ao observá-los, é nítida a necessidade de suscitar uma importante reflexão social sobre o papel da chamada “melhor idade” nos dias de hoje.

Fotos: Jéssica Alves Cardoso e Matheus Ribeiro
Texto: Matheus Ribeiro
Edição: Jovana Torres e Murillo Velasco
Diagramação: Larissa Quixabeira

